



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO

DOMINGO

Junho - 1963

N.º 1628
Ano XXII S.º VIII

(AVENÇADO)

Visto pelo C. de Câmara

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p. c.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

BENJAMIM DA COSTA DIAS

Impressor: M. BRAGA DIAS
Imp. na Tipografia Operária - Rua 14 - Telef. 920187



Morreu o Papa João XXIII

Depois de uma longa e dolorosa agonia, morreu o Papa João XXIII, o papa do concílio, homem bom e simples, admirado por todos os povos quaisquer que fossem os seus credos religiosos. A sua morte foi sentida por todo o mundo. Da Europa, e da América, até ao Extremo Oriente, o Sumo pontífice tinha grangeado a admiração dos seus povos.

Ninguém esquecerá tão cedo, aquela figura admirável, daquele pontífice que compreendeu mais profundamente a universalidade do Homem. Durante o seu curto e glorioso pontificado, Sua Santidade publicou várias encíclicas dirigidas não só para católicos mas para todos os homens de boa vontade, entre as quais se destacam pela demonstração da sua estatura moral «Pacem in terris», hino de paz e bondade entre os homens, e «Mata et Magistra», onde o Papa exorta os povos à justiça social equitativa. Com a morte do Papa João XXIII, não foi só a Igreja Católica, que perdeu um dos seus maiores vultos, mas sim todos os povos da terra. A todos recebia, quaisquer que fossem as suas ideias, políticas e religiosas, e a todos dava a sua bênção de paz e bondade, chamando à Verdade e à Vida, o rebanho perdido nas convulsões da nossa época.

Todos os olhos estavam postos em Sua Santidade, quando começou o Concílio Ecuménico, ávidos da Verdade e da Justiça. Não chegou o Papa a finalizar o seu sonho: Juntar todas as igrejas, numa só, Verdadeira e justa para todos. Não chegou a finalizá-la, mas lançou a semente produtiva que, se Deus o permitir, dará frutos mais saborosos. Morreu o Papa!

Morreu o Homem humilde, bondoso e justo. Que descanse em paz aquele que em paz viveu e pela paz sempre lutou.

Problemas de ESPINHO MEMORANDUM VII

Quem tiver o hábito e possibilidade de ler jornais e revistas estrangeiras, se procurar prestar atenção às secções dedicadas ao turismo, deparará com anúncios sugestivos e numerosos artigos elucidativos, que deixam transparecer a arte difícil da propaganda inteligente e atraente de cada estância termal ou balnear, de cada recanto privilegiado de repouso, situado na planície ou na altitude.

A ciência da publicidade e da propaganda, do tão falado «reclame», não está ao alcance de qualquer, nem da fácil improvisação que não conduz a resultados palpáveis, pois quase sempre peca pela ausência de indispensáveis aspectos impressivos, ou de atributos artísticos necessários, para que alcance os desejados objectivos.

Além do cartaz, mais ou menos vistoso, com mais ou menos gosto artístico, — pois alguns se apresentam com manifesta prova de arte — da «plaquette», do «desdobrável», como o dizem, só uns anúncios fugazes se vêm na nossa imprensa, e mesmo na estrangeira, referentes às estâncias portuguesas.

Se pegarmos ao acaso num jornal estrangeiro e nos vier às mãos, por exemplo, o Figaro, comparando os anúncios das estâncias italianas, do Mediterrâneo e do Adriático, com os das estâncias portuguesas ali insertos, poderemos aperceber-nos de grande diferença e da extraordinária modestia dos nossos meios de propaganda.

Mas, do mesmo modo, ainda que em jornais portugueses, os anúncios e os artigos de propaganda, de nossas estâncias, se apresentam também despidos de volume, de brilho, de arte, de interesse, que despertem a atenção, que prendam o leitor, aguçando a sua curiosidade e decidindo-o a uma visita, ou a uma estadia mais ou menos prolongada.

Espinho não foge à regra e nem sequer acompanha algumas das estâncias portuguesas — as praias de maior renome — porquanto algumas há que fazem uma razoável e útil propaganda das suas qualidades e dos seus melhores atractivos.

Em Memorandum anterior, tivemos ensejo de focar o problema da falta de estabelecimentos hoteleiros, na nossa terra. Não abordamos o problema das casas de aluguer e ele também merece alguma atenção, porque é do produto das rendas, conseguido durante os meses do período estival, que vivem em parte, muitas famílias espinhenses.

Há um facto, de observação corrente, que tem íntima correlação com as casas de aluguer e a propaganda de que elas carecem. Trata-se da disparidade flagrante das rendas de casas, entre as de Espinho e as de outras praias, algumas de menos renome.

Se exceptuarmos o Estoril, que constitui uma praia de características especiais, encontraremos a Figueira da Foz, a Póvoa do Varzim, e depois uma série de praias de menor projecção, onde as rendas são mais altas do que em Espinho, para casas da mesma categoria e com iguais comodidades.

Mesmo em pequenas praias, as rendas são muitas vezes superiores às de Espinho, e as casas ficam todas cheias durante a época balnear, sendo objecto de uma procura que nos deixa surpreendidos.

Em busca de uma explicação plausível, para este fenómeno estranho, só deparamos com esta: Espinho criou fama de praia de casas caras; Espinho sofre os efeitos de falta de propaganda oportuna e intensiva; Espinho não tem procurado intensificar os seus atractivos estivais; Espinho não tem buscado a fixação do veraneante, mediante processos a estudar, e tem permitido que ele se transforme em veraneante de «vai-vem»; Espinho não tem divulgado o número de casas de aluguer que possui e de que dispõe, da variedade das suas categorias, das comodidades que oferecem e da parcimónia dos preços das suas rendas, em relação às de outras praias semelhantes e até mais modestas.

(Continua no próximo n.º)

Farmácia de Serviço, HOJE HIGIENE

Rua 19 — Telefone 920320

No Grémio do Comércio de Espinho

Uma notável sessão cívica, integrada na Semana do Ultramar

Promovida pela Direcção do Grémio do Comércio desta Vila, realizou-se na pretérita 2.ª feira, dia 3 do corrente, no salão nobre daquele organismo, uma brilhante sessão cívica, integrada na «Semana do Ultramar» e na qual foi orador oficial o sr. Coronel Joaquim Alves da Silva, ilustre presidente da Câmara Municipal de V. N. de Gaia e antigo Comandante Militar de Espinho, que pronunciou, de improviso, uma eloquente oração sob o tema «— A Hora da África — (pensando em voz alta)».

Presidiu o sr. Dr. António Pereira Pinto, presidente da nossa Câmara Municipal, que tinha à sua direita os srs. Coronel Joaquim Augusto Gordo, Director da Carreira de Tiro e Comandante Militar de Espinho; Coronel Alves da Silva, e Arq.º Sérgio Gonçalves, presidente da C. Concelhia da U. Nacional; e à esquerda, os srs.: Major Mário da Silva Pereira Ferreira, 2.º Comandante do G.A.C.A. No 3, em representação do Comandante, sr. Tenente-Coronel António da Luz Margarido Castilho; Capitão Januário Rodrigues Pereira, Comandante da Polícia de S. Pública de Espinho, e José do Couto Soares, presidente da C. Administrativa do Grémio do Comércio dos Concelhos de Espinho, Feira, Castelo de Paiva e Arouca.

O salão achava-se repleto de uma assistência selecta, entre a qual se encontravam distintas senhoras, e junto à mesa, fazia a guarda de honra um piquete de Bombeiros V. Espinhenses, com a sua bandeira.

Aberta a sessão, o presidente do Grémio, anunciou a morte do Papa João XXIII e pediu um minuto de silêncio em homenagem à sua memória, o que toda a assistência observa de pé, em rigoroso recolhimento espiritual.

A seguir o sr. Couto Soares fez a apresentação do ilustre conferente, em termos de muito apreço, salientando as suas altas qualidades morais, intelectuais e cívicas, e frisando o facto de ter terminado a sua carreira militar como Comandante Militar de Espinho, e não obstante ter sido nomeado Presidente da Câmara M. de Gaia, se recusou a transferir a sua residência de Espinho, demonstrando assim, a sua dedicação à nossa terra, facto que não pode deixar de ser grato a todos os Espinhenses.

Concedida a palavra ao sr. Coronel Alves da Silva, S. Ex.ª dirigiu-se em primeiro lugar ao sr. Presidente da Câmara, agradecendo-lhe a honra da comparência, dizendo que não se tratava de qualquer trabalho de valor mas, apenas, de um simples desabafo, pensando, numas horas mais ou menos descansadas, que são poucas, sobre as coisas prementes do Mundo actual e da nossa situação, em especial, em terras de África.

Referiu-se a seguir à Sociedade de Geografia de Lisboa «que «teimosamente vem, ano após ano, lembrando, insistindo em que de nós, de nós, de nós, se fale no nosso Ultramar, se eduque o povo nas coisas ultramarinas, se cultive a ideia do nosso patriotismo, pelo que nunca serão demais os louvores que lhe dirigirmos, nunca será demais a nossa dedicação pessoal pelas altas figuras que a dirige e que, continuamente, vem exercendo uma acção de tanta projecção educativa». Dirige a seguir palavras de louvor aos directores da Casa, que no intervalo de mil assuntos da sua vida profissional, dedicam às lides do espírito algumas horas, aperfeiçoando exactamente as questões a que normalmente podem estar ligados, porque «nem só do pão vive o homem». Bem haja também essa Sociedade por ter programado, com insistência, estas sessões».

O distinto orador, val elevando, pouco a pouco, a voz, impulsionada pelo mais acrisolado patriotismo, e, com admirável fluência, com uma eloquência só peculiar a grandes oradores, como S. Ex.ª, analisa os problemas da actualidade e estigmatiza, com sólida argumentação e desorientação dos dirigentes das nações recém-criadas, infelizmente apoiadas por alguns estadistas de responsabilidade mundial, movidos simplesmente pelo interesse comercial ou político, sem vislumbrarem o futuro que os espera.

Impossível transcrevermos na íntegra todo o grande parte do magistral discurso, como era nosso desejo. O limitado espaço de que dispomos obriga-nos a restringir o mais possível

vel a nossa reportagem, e por isso, temos que nos limitar a algumas das passagens e frases da oração do sr. Coronel Alves da Silva, que mais fizeram vibrar a assistência.

— Entrando propriamente no tema da sua «palestra», diz o eminente «palestrante»:

— «Pensar um pouco em voz alta, sobre a «Hora da África» é pouco. Peço a V. Ex.ª que me perdoem, mas, quem dá o que tem, não é a mais obrigado» — «Reconhecer que no Mundo, as partes do Mundo e dentro delas os continentes, as nações, tem tido a sua «hora», não será difícil reconhecer até que ponto essa verdade atinja aqui ou ali, um determinado grau sem ciclo, até um determinado grau de violência, em determinada época.

A Europa teve a sua Hora? — Nos compêndios escolares aparece a seguir a Ásia. A Ásia já teve a sua Hora? — Seria muito difícil que alguém com lógica conseguisse apresentar-nos uma resposta satisfatória. Vejam V. Ex.ªs. o que se passa da Mongólia até às Ilhas do Sul. O que se passa na China, cuja história milenária constituiu um «contem» lendário, mas que hoje é um ponto de interrogação fenomenal. Chegou a sua «Hora»? Talvez! Mas teve já a sua «Hora»? A Hora irmã, aquela hora que rima com uma palavra a que nós pertencemos por cultura física e moral: a palavra Civilização? — Eu dei-lho a V. Ex.ªs a resposta. E depois da Ásia vem a África. Nos compêndios parece que é assim ainda hoje.

E aparece esse continente extraordinário a querer ter uma «Hora». A querer criar uma «Hora». Como é possível? Normalmente, todas as coisas tem começo; o edifício vai de um alicerce estudado, para sobre ele um determinado material disposto de determinada forma, se começar a er-

Continua na 2.ª página

II Grande Circuito Ciclista Infantil de Espinho

Organização do Jornal «Defesa de Espinho»

Vamos confirmar uma notícia, que por certo alegrará muitas crianças que concorreram o ano passado e mesmo aquelas que não correram, mas bem arrependidas ficaram. A notícia é a seguinte:

O II Grande Circuito Infantil, organizado pelo nosso jornal, realizou-se no dia 24 de Julho, quarta-feira, à tarde, estando prevista a entrega dos prémios no dia seguinte, ou seja dia 25. Espera a comissão já nomeada, distribuir numerosos e valiosos prémios pelos concorrentes, que dado o enorme êxito alcançado o ano passado, conta ser mais numerosos.

Todos os prémios serão expostos numa montra, na devida oportunidade e em moldes semelhantes aos do ano passado. O júri do circuito é o mesmo do ano transacto:

O director do Circuito, é o director da «Defesa de Espinho», sr. Benjamim da Costa Dias, sendo co-dirigido pelos srs. Francisco Manuel do Couto, Luis da Rocha e Carmo, José Manuel Cadete Gonçalves Duarte e José Vialle Mentinho.

A Comissão espera a colaboração da P. S. P. de Espinho e das duas corporações dos bombeiros locais, cujas entidades superiores destes três organismos foram o ano passado duma extrema amabilidade para com a Comissão. Conta ainda com a proficiente colaboração do sr. enfermeiro diplomado Jaime Ferreira, dos Bombeiros V da Areosa.

Espera ainda a valiosa colaboração da Cabine Sonora da Rádio Publicidade de Espinho que o ano passado produziu magnífico trabalho, informando o numeroso público que se encontrava mais distante da meta e mesmo daquele que assistia na esplanada aos momentos emocionantes da chegada dos corredores à meta final, contribuindo assim para facilitar e auxiliar o trabalho do júri.

O regulamento e o programa serão publicados, possivelmente, no próximo número do nosso jornal.

As inscrições serão pagas pela receita líquida revertida a favor dos pobres protegidos pelo nosso jornal. Iniciar-se-ão no dia 1 de Julho.

Até lá façamos votos para que ali, nem bem os pedais e... as pernas.

10 de Junho

de RUI DE FARIA

DECORRE mais um aniversário da morte de um Português, que o foi em toda a acepção da palavra, tanto no heroísmo da espada, como na glória da pena. Como soldado, tomou parte no cerco de Mazagão que lhe levou um olho.

Como poeta, foi elevado até às culminâncias máximas a que pode ser conduzido um génio da sua estirpe, onde subiram Homero, Virgílio e Dante.

Se a Grécia da antiguidade possuiu uma «Odisséia»; se a Roma imperial teve uma «Eneida»; se a Itália renascentista se orgulha de uma «Divina Comédia», nós apresentamos os «Lusiadas como clarão da nossa epopeia histórica, que será firme no seu brilho a acompanhar a eternidade da Pátria, sejam quais forem as vicissitudes por que tenha de passar.

Camões, cantando as glórias dos nossos antepassados, e projectando-as num futuro que não tem fim, enquanto o Mundo durar, transmitiu-nos a lição de que tem dependido os nossos destinos perante os outros povos, e que será sempre avisada como chama inextinguível, enquanto pulsar um coração lusitano. Dizer que tivemos um Camões, seria uma forma abstracta de linguagem, e

portanto, despida de qualquer ideia; mas saber traduzir o patriotismo do nosso épico realçando os feitos extraordinários dos portugueses de antanho, que criaram e cimentaram uma Nação Lusitana, é enfileirar ao lado dos heróis para a continuidade do torrão sagrado onde tivemos a dita de um berço, pela coragem que eles nos trazem ao chamamento do dever.

Felizmente, temos sabido honrar a memória dos nossos. Maiores através dos séculos, na prática de feitos que são os pares desses outros que Camões soube sublimar em estrofes inigualáveis, e só é pena que mais ninguém possa adicionar novos cantos para gravar outros nomes com a mesma intensidade luminosa, para confusão de quantos julgarem que somos um povo onde arrefeceu o sentimento da dignidade.

Portugal continua a espalhar o seu sangue generoso pelas terras que são suas por direito próprio porque não sabe pactuar com a troca da Bandeira das Quinas por outros símbolos que traduzem uma iniquidade, mais, o latrocínio.

Deus e Pátria, hão-de ser os guias dos portugueses dignos, como têm sido até hoje, como serão amanhã. *continua na 2.ª página*

Problemas de Espinho

Esclarecendo

(Continuação do n.º anterior)

O problema hoteleiro está já estudado, de maneira satisfatória, quanto a capacidade e localização, e deve resolver-se dentro de razoável tempo, cremos nós.

Também já está estudado o plano de urbanização da parte baixa da Vila, contando-se com a mudança indispensável dos caminhos de ferro para a variante que lhe está destinada e cuja transferência se impõe em absoluto.

Este é o problema n.º 1 de Espinho, do qual depende o seu progresso urbanístico. A sua solução está, segundo dizem, dependente também do problema financeiro. E' de crer, todavia, que ele se resolverá dentro de algum tempo, se a C. P. quiser, de facto, electrificar as linhas até a estação de Gaia.

Afirma-se que os cálculos sobre o custo da transferência é bastante exagerado. Também estamos convencidos disso. Mas, também se afirma que, se a Companhia optasse pela electrificação cá em baixo gastaria muito mais dinheiro do que custaria a transferência, e esta poderia fazer-se em condições mais económicas, e de mais tranquilidade para o público.

Quanto aos passantes que entram de tãnel e saem de garrafão vazio, etc., deixando os ossos e as espinhas como isso, verifica-se em todas as praias portuguesas infelizmente, mas a culpa não é das autoridades administrativas mas, sim, das maritimas. Ultimamente, porém, esse espectáculo tem diminuído bastante na nossa praia e só se verifica nas zonas não consideradas de turismo.

Com respeito à Piscina, esta acaba de receber certo melhoramento que lhe permite escoar e renovar a água em menos horas do que nos anos passados. Mas o Sr. Presidente da Câmara que tomou a seu cargo o funcionamento daquele importante estabelecimento de turismo, espera com o auxílio do Poder Central, resolver o problema de forma radical e definitiva.

E com respeito a diversões, tem razão o articulista; tem-se descuidado, é certo a organização de atractivos nos meses de Junho, Julho e Outubro, pois, se os houvesse a nossa praia prolongaria mais a sua animação com proveito para o comércio local.

Resta-nos aludir às diversões do Casino. Com raras excepções, não há razão de queixa. As atracções que o nosso Casino oferece são as mesmas que exibem os outros casinos do País, com excepção do Estoril. O ano passado, a empresa não foi feliz apenas com uma orquestra espanhola que actuou no salão nobre, mas teve dois conjuntos de categoria. Segundo nos informaram, a Direcção do Casino vai este ano apresentar novas atracções de categoria internacional, que não devem ficar aquém das melhores que ali se têm exibido.

Em matéria de propaganda não se pode dizer que não se tenha feito ultimamente, alguma coisa. A Câmara, pela verba de Turismo, despendeu em propaganda este ano a apreciável soma de Esc. 18.340\$00, como se pode ver da nota a seguir:

Guia de Hotéis e Pensões de Portugal — Edição de 1963	600\$00
Lista Telefónica Profissional do Porto Ed.ção de 1963	600\$00
Anuário de Turismo Português — Edição de 1962	2.400\$00
Publicação «H. w. to see Portugal» — Edição de 1962	1.500\$00
Publicação «H. w. to see Portugal» — Edição de 1963	1.500\$00
Revista «Vinhos de Portugal»	480\$00
Roteiro de Portugal	300\$00
Boletim da Câmara do Comércio Francesa em Portugal	300\$00
Carruagens dos Caminhos de Ferro (fotografias)	8.100\$00
O Volante	300\$00
Propaganda no Rádio Clube Português pela «Radarte»	2.000\$00
Guia dos Caminhos de Ferro, Camionagem e Aviação	260\$00
Total	18.340\$00

Para os limitados rendimentos de que dispõe a Secção de Turismo local, não podemos desdenhar desta verba.

DR.ª EMÍLIA MORGADO
MÉDICA
Doenças das Crianças
Consultas das 15 às 18 horas
Rua 23 n.º 203-2.º Esq. Tel. 920548
ESPINHO

ALUGA-SE
1.º ANDAR SITO NA RUA 19-244
Servindo para Escritório ou Consultório e Residência.
Para melhores informações dirija-se à Barbearia FAUSTO — Rua 19 Espinho — Telefone, 92 02 34

Registo Social

Aniversários

FEZ ANOS: em 27 de Maio o menino José Paulo, filho do sr. Manuel da Fonseca Zinha.

FAZEM ANOS:

Hoje, dia 9, a s.ra D. Margarida Taboada de Oliveira, filha do sr. José Carvalho de Oliveira, ausente no Porto; os srs. João Lopes da Fonseca, Francisco Domingues de Oliveira, ausente no Brasil, Manuel Alves da Cruz, filho do sr. José Alves de Oliveira, de Silvalde, José Joaquim Ferreira da Silva Brandão, filho do sr. José Henrique Pereira Mourão Brandão, e António de Oliveira Pardilhó; Amanhã, dia 10, as sras D. Ana Rosa de Sá, de Esmoriz, D. Palmira Ferreira Alves de Carvalho e D. Maria de Sá Pereira, esposa do sr. António Alves de Oliveira Paixão; e os srs. Américo O. Sengo, filho do sr. Alberto de O. Sengo, e Hernâni Ferreira de Araújo, de Silvalde;

— em 11, as meninas Otília, filha do sr. Domingos Alves Pereira, e Maria de Fátima Fernandes Vinhas, neta do sr. José Alves Fernandes (Rio), de Silvalde; os srs. António do Carmo Baptista e Francisco Ferreira Neto; e os meninos Henrique José Pinto Queiroz de Ataíde e Almeida, ausente em Aveiro, e José, neto da s.ra D. Maria Pereira de Melo;

— em 12, a s.ra D. Maria Fernanda da Silva Cardoso, esposa do sr. Hermínio de Almeida Cardoso; as senhorinhas Maria Eugénia Barbosa Lourenço, filha do sr. João Lourenço, e Olga de Jesus Moreira, filha do sr. Manuel Pinto Moreira; os srs. Augusto Fernandes Tato, António Ferreira da Silva Torres e J. Vialle Moutinho, redactor do nosso jornal; e o menino Manuel Pereira Faria, filho do sr. José da Silva Faria, de Anta;

— em 13, as meninas Maria de Oliveira e Sousa e Fernanda Luisa P. Mendes, filha do sr. Fernando Domingues Mendes, de Moselos; e o sr. António Ribeiro de Aguiar;

— em 14, a menina Maria Emilia de Teles Tavares, filha do sr. dr. José Maria Teles Tavares, ausente em Luanda; e o sr. Silvio da Costa e Sousa, de Silvalde;

— em 15, as sras D. Arminda Fernanda da Costa Pinho, sobrinha do sr. Alberto Bastos Maia, e D. Virgínia Rosa N. Ribeiro, esposa do sr. Vitorino Casal Ribeiro; a senhorinha Maria Lúcia F. P. do Couto, filha do sr. José Ferreira do Couto; e a menina Ana Maria, filha do sr. dr. Amadeu Moraes; e o sr. José Manuel Gomes Fernandes, filho do sr. José Juvenino Fernandes.

10 DE JUNHO

continuação da 1.ª pág.

nhã, e os olhos nunca se desprenderão dessas forças vivas que continuam a ser a razão da nossa existência, e o calor das almas no mais acedo dos combates.

Camões, é ainda, empunhando os «Lusíadas», o exemplo forte de um coração de bronze que nos transmite à auréola do patriotismo sempre constante, embora o seu corpo fosse sacudido pelos abalos do sofrimento que nunca o deixou até ao túmulo.

Mesmo à porta da Eternidade, ainda o seu brado angustioso de—«Ao menos morro com a Pátria!», — é uma lição de grande refulgência que, no estado actual, é substituído por esse outro de grandeza sublime—Morro pela Pátria!—soltado pelos heróis que não recuam perante o perigo, que não voltam as costas ao inimigo sedento de sangue e de vingança satânica, na ânsia de derubar o que lhes surge como fácil, mas que na realidade lhe aparece como barreira intransponível. Ontém, hoje e sempre!

Vende-se Terreno

Na Estrada do Golfe, próximo ao Matadouro Municipal, com cerca de 15.000 metros, em talhões ou na sua totalidade.
Trata-se na Rua 62, n.º 944.

Semana do Ultramar

Continuação da 1.ª página

quer ainda com cautela uma determinada base. E eis que de repente há uma parte do Mundo, enorme, que nos aparece por geração espontânea, a querer fazer numa época aquilo que nas outras partes do Mundo, algumas não conseguiram fazer em dois mil anos? Eu não sei; Eu peço a V. Ex.ª uma coisa que é fundamentalmente importante para seguirem esta minha pobreza de raciocínio.

E' que não sou filósofo, nem sociólogo, nem pessoa importante. Eu sou uma pessoa que está sentada no seu gabinete de trabalho muitas vezes, umas vezes cercada de muitas e muitas preocupações e outras vezes com muito menos, e que pensa como toda a gente, nos fenómenos que agitam a sua época, e, a todas essas expansões especiais, científicas ou filosóficas, refinadas, concentradas, que aliás constituem um passa-tempo excelente.

Eu tive sempre a preferi-lo, um bocadinho de bom senso prático, e o equilíbrio da vida normal que não se compadece com fantasias, exactamente quando chega a tal Hora, a que dentro da hora geral nós temos de corresponder com o relógio certo.

Ora, seguindo nesta ordem de ideias, como é possível, pergunto eu, de repente, por geração espontânea se formem dezenas de países, se acumulem dezenas de patriotismos? Como é? — Um país é apenas um rótulo, quatro tiros, duas palavras excitadas com mais ou menos elegância ou sem nenhuma, ou é, uma base formal alicerçada em gerações sucessivas, algumas caldeadas com sacrifício e sangue, e de almas geradas, não é verdade, em gerações sucessivas, dedicação, carinho, civilização, dignidade, língua, instrumento vivo de comunicação? —

Como podemos acreditar que haja a dentro daquele enorme bloco da terra tanto país? Por isso eu pergunto na minha lógica, a Hora da África? Agora, sim, a Hora da África, qual será? Ora, quem foi o único país do Mundo que descobriu a África? — Portugal! Quem foi o único país do Mundo que civilizou a África? — Portugal! — Quem foi o único país do Mundo que amou a África? — Portugal! — Quem foi o único país do Mundo que não traiu a África? — Portugal! — (Palmas calorosas da assistência.) Porquê? Porque para lá foi e começou lá aquilo que fazia aqui. Misturou o seu sangue, a sua língua, os seus costumes, a sua reza, a sua alimentação, a sua doçura ou a sua agridura de viver com toda a gente. E é este país que é agora acusado de estar a mais em África? E aqueles que apenas foram para lá, fazendo dela uma feitoria lucrativa, e que hoje apenas desejam que alguma porta escondida se abra para continuar o negócio. Esses é que são os amigos da África?

Eu não sei se esta linguagem é especial, mas eu acho que é tão directa e tão clara que não necessita tradução nem subterfúgio para a gente compreender qual é afinal o problema africano, sem entrarmos na profundidade da questão, mas, compreendemos o caso português desse problema. O resto evidentemente, tem avaliação, tem estrutura, tem estudo, mas, ou me enganou muito ou a tal «Hora» ainda não chegou!

Apenas chegou o que já existe para um país que já há 500 anos o era, sem pedir licença a ninguém. Porque o marcou com as suas armas, mas marcou-o sobretudo com o seu coração, com a sua alma, com a sua dignidade, com a sua educação. E vejam em esboço, o que se passa na Etiópia, o que se passa na Argélia, o que se passa na Tunísia, o que se passa no Gana, o que se passa na África do Sul. Detenham-se um pouco nisto, mas fixem um pormenor de extraordinária importância, não esqueçam que houve nesta nossa província adorável em que vivemos e na qual conquistamos a golpes de tagantas um lugar ao sol que sempre temos defendido contra tudo e contra todos.

Houve aqui um símbolo, uma coisa que está a aparecer lá, e que eu quero designar por um nome que considero bastante elegante: o arabismo. Reparem nesse fenómeno extraordinário, e digam-me se há conciliação possível entre essa gente e o pobre negro, que trabalha e sofre, e que até hoje só encontrou uma mão que soubesse curar-lhe as feridas a tempo: a Portuguesa. Os outros, também curam mas talvez, o preço seja demasiado baixo. E quando o preço é demasiado baixo, às vezes vale mais não recorrer ao médico. Se correremos esses países, e virmos a acumulação que se está a formar, a onda de interesses desenhada, podemos acreditar no nacionalismo africano? Ou acreditar que há umas tantas ou quantas empresas que querem por a soldo determinados territórios africanos, com mais ou menos elegância de mais ou menos de pormenor. Hoje há nas palavras uma elasticidade formidável, e então num jornal é simplíssimo escrever-se um largo programa de acção, com adjectivos fortes que aliciam toda a gente.

Mas há, também e cada vez mais uma coisa que se chama verdade. E a verdade vem sendo dia a dia proclamada, ela vem a lume, e é essa verdade que os nossos homens que lá a sustentam, e porque é que a sustentam? A nenhum deles foi preciso dizer-lhe que lhe poderia sair ao caminho o espectro de Mouzinho ou de Norton de Matos, de Couceiro ou de Caldas Xavier, a nenhum deles foi preciso dizer-lhes para eles cumprirem o seu dever.

Então há alguma coisa na nossa raça, mais séria, mais digna, mais profunda do que todas essas combinações das tais nações tão entusiasmadas em libertar os povos. Temos de falar a linguagem nua da razão, nua da verdade. Ponhamos então o problema adentro do seu verdadeiro grau. Qual é hoje a missão do português?

Eu, a cada passo ouço essas pessoas responsáveis, dizer: — eu não posso pensar assim! Não ser assim, não sei, não sei!

Já alguém pôs limites à inteligência neste país? E o que nos diz a inteligência da questão?

Iniludível! Só há duas atitudes: ou termos de traír o passado, e abdicar vergonhosamente de tanta cinza dos nossos avós de lá, e isso seria a supremacia das infâmias, ou termos de continuar ali, defendendo palmo a palmo aquilo que eles conquistaram e honraram, à custa dos mais altos sacrifícios da natureza humana.

A «hora» da África, ainda não chegou! Por mais que forcem a nota, não chegou! Não chegou, mas talvez chegue.

Por fim, é natural, que de toda esta baralhada imensa, em que o Mundo se agita, nesta confusão de sentimentos e de ideias, apesar de tudo, alguma coisa de vez em quando aponte ao Norte, uma verdade ou outra se vai estabelecendo pouco a pouco, se vai formando a consciência reactiva que há-de redimir os erros, que há-de salientar a resolução humana. Os erros pagam-se, temos feito muitos, individual e colectivamente. Os erros atingem do mais alto funcionário do Estado ao mais humilde, os erros atingem o cidadão, em todos os Estados, em todas as Nações. Os erros pagam-se! Mas quando a nossa vontade é forte, quando a nossa vontade é feita, nós podemos chegar a tempo de evitar a catástrofe.

Meus senhores, estamos na altura de chegar a tempo de evitar a catástrofe. Porque o caso, é extraordinariamente sério, mas não percamos a trasmontana com essas tempestades. Com os ventos ou com os ciclones, por que historicamente já vencemos tempestades da mesma força, e eramos apenas dois milhões.

Dando de barato que hoje e entre portugueses traidores houve algumas vezes, e infelizmente é natural continuam haver, mas, e apesar de tudo, a massa, a verdadeira massa, aquela que não discute a Lei e beija na cara o seu filho quando vai cumprir o seu dever militar, ou outro, sem discutir, essa há-de salvar a Nação.

— O educar não quer dizer, esclarecer, não quer dizer subversão a uma fórmula. Não, meus senhores, não quer dizer sujeição de pensamento, e a esse ponto eu cito um exemplo histórico formidável que exerceu no meu espírito uma influência espantosa por que era de um militar competentíssimo, que todo o Mundo conhece e um dos mais extraordinários presidentes da República Francesa.

Foi ele, quando Foch foi chamado a assumir o comando dos exércitos, chegou junto do Presidente da República, e sabendo do seu ateísmo, disse-lhe: «Senhor Presidente: eu não abdicó das minhas ideias, que V. Ex.ª sabe». A resposta do Presidente da República foi esta: — «Vá à missa quando quiser, mas comande-me as tropas». Extraordinária lição que há, para muitos que por aí há, que julgam que pelo facto de seguir esta ou aquela ideia, ou ter este ou aquele ideal, se bajula ou isso representa uma quebra de dignidade humana de qualquer espécie.

Quando cada um tem a coragem das suas opiniões, e quando atrás delas não está um cortejo de ignomínias, pode afirmar-se, seja de quem for, que tem o direito ao respeito do seu próximo. (Muitos aplausos). E' disso que nós precisamos em todos os campos.

— Da verdade e dignidade afirmadas, «urbe» et «orbe» em qualquer condição, nós temos quem o faça. Sigamos esse exemplo e procuremos que o façam, e a Nação salvar-se-á. Mas, meus senhores, eu volto a insistir: quando se chama os bombeiros para um incêndio, apaga-se primeiro o incêndio, e discute-se depois. Enquanto a Pátria está em fogo, não se discute a Pátria, salva-se primeiro e discute-se depois. A «Hora» virá depois.

Quando chegar a tal «hora» talvez as tais nações sem passado tenham de ir buscar um bocadinho ao passado do vizinho para compôr a sua bandeira róta.

E dir-se-á a «hora» da América já chegou? Reparem V. Ex.ª na contradição efectiva que há no grande continente americano. Onde, com as irreverências de toda a espécie e, quíçá, alguns desatinos tão próprios do carácter expansivo português, ainda o Brasil ocupa um lugar de altíssimo destaque, e só não ocupa mais por que ainda está menino.

continua na 5.ª pág.

Café Nicola

© mais saboroso e mais apreciado dos cafés, servido nos principais cafés de Espinho. Em Lisboa — visitem o CAFÉ NICOLA.

Registo Social

Capitão Januário Pereira

Por motivo da sua recente promoção, deve deixar brevemente a nossa Vila o sr. Capitão Januário Rodrigues Pereira, que desde Janeiro de 1960 tem estado a comandar a Secção da Polícia de Segurança Pública de Espinho, funções que tem desempenhado com reconhecido apuro e espírito conciliatório.

O sr. Capitão Januário Pereira vai assumir o comando da Polícia de S. P. do Distrito de Castelo Branco.

Pelas suas qualidades morais e lhanza de trato, S. Ex.ª soube conquistar a simpatia e respeito do povo de Espinho e amizade de muitas famílias espinhenses.

PARTIDAS E CHEGADAS, ETC.

Encontra-se entre nós, a ilustre escritora espanhola D. Concha Linares Becerra, dedicada esposa do nl conterrâneo e amigo sr. Mário Gonçalves Ramos;

— Para as terras de Monte Real, seguiu o nosso amigo sr. Joaquim Almeida Soares Pinto;

— Regressaram do Gerês os nl amigos e assinantes srs. Filipe Viló e seu cunhado, o apreciado pianista Casstano Henrique Marques.

CASAMENTO ELEGANTE

Na Igreja paroquial de Cortegaça efectuou-se no transacto domingo, dia 2 do corrente, o enlace matrimonial da Senhorinha Maria Nilza da Silva Monteiro, gentil e prendada filha da sr.ª D. Rosa Alves da Silva e do importante e conceituado industrial daquela freguesia, sr. Américo Gonçalves Monteiro, com o alferes-engenheiro, sr. Fernando de Oliveira Pinto, filho da sr.ª D. Aurora Marques de Oliveira e do sr. António Pinto Marques.

Foi celebrante o rev.º Padre José da Costa, ilustre Director do Colégio de S. Luis, desta Vila onde o noivo fez os seus estudos liceais e do qual foi um aluno distinto. (Graças ao seu invulgar talento, com vinte e poucos anos, apenas, já é oficial do Exército e engenheiro).

Paraninaram: por parte da noiva, sua tia, a sr.ª D. Ermelinda Alves da Silva e o comerciante, sr. Silvério Marques Rola; e por parte do noivo, a Sr.ª D. Generosa Marques de Oliveira e seu marido o considerado industrial, sr. Paulino Marques de Oliveira.

Findas as cerimónias religiosas, organizou-se um grande cortejo de automóveis conduzindo os noivos, seus familiares e convidados, totalizando cerca de 200 pessoas, em direcção a Espinho, onde no elegante salão nobre da Piscina Solário Atlântico se realizou o almoço, impecavelmente servido.

O espaçoso salão oferecia um aspecto encantador com as mesas belamente ornamentadas, dispostas ao longo do estrado, denunciando requintado bom gosto. Ao centro do Salão admirava-se o enorme bolo da noiva, uma artística torre, lembrando a Torre de Belém, em estilo árabe.

Aos brindes, usaram da palavra para saudar os noivos exaltando as suas qualidades morais, em primeiro lugar o tio e padrinho de casamento do noivo, sr. Paulino Marques de Oliveira, seguindo-se os srs. Alvaro Rola, Alíeres Ferreira, dr. Alves Pandilhas, Manuel de Oliveira Coelho, primo do noivo, Padre José Costa, a sr.ª D. Amélia Gonçalves da Fonseca, directora da Escola da Relva, de Esmoriz, e o rev.º Abade de Cortegaça.

Findo o repasto, teve lugar um animado baile que imprimiu ao recinto um aspecto que fazia lembrar as suas mais animadas festas.

Efectivamente, os noivos não podiam escolher melhor local para a festa do seu casamento.

O primoroso almoço, foi confeccionado e servido pelo Restaurante Costa-Verde, desta Vila, sob a direcção do seu actual proprietário, sr. Augusto Marques de Castro, que é incontestavelmente um qualificado hoteleiro.

Aos noivos, que foram muito felicitados, desejamos um futuro risonho prenhe das felicidades a que as suas belas qualidades morais fazem juz.

Ferriados Nacionais

Amanhã, por ser dia de Portugal e Quinto-Ferira por ser dia de Corpo de D. U. s. estão encerradas as repartições públicas, e estabelecimentos comerciais e industriais, e bem assim a nossa Redacção.

Tipógrafo - compositor

do 2.º ou 3.º ano — Admite-se. Carta à Redacção, dando referências, ao n.º 71.

DR. PEREIRA RIOS
MÉDICO CIRURGIÃO
Ex-Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos de Lisboa
CLÍNICA GERAL
Consultório — Esquina das ruas 19 e 16, n.º 545 — 1.º andar
TELEFONE p. f. 920300 — ESPINHO

Defesa

Secção de Letras e Artes

Literária

DIRECÇÃO DE BENJAMIM DA COSTA DIAS N.º 14

COORDENAÇÃO DE FRANCISCO MANUEL DO COUTO E JOSÉ A. VIALLE MOUTINHO

Música Trovadoresca

Ao lado da música litúrgica sempre existiu música profana para folguedos familiares e entretenimento dos ócios.

Também em todos os tempos, desde a mais alta antiguidade, existiram profissionais, quer sedentários, quer peregrinos, familiarizados com os diversos géneros lírico-poéticos da sua época.

No mundo cristão, usaram-se várias designações para classificar ou distinguir entre si esses artistas. A personagem de alta estirpe chamava-se trovador ou menestrel; aos escudeiros, segreiros; aos da gentança da rua, jograis. Diga-se, porém, que estas designações nada tinham de absoluto. Na França, os trovadores do Sul eram *troubadours* e os do Norte *trouvères*.

Por via de regra, só os jograis eram errantes e trabalhavam associados a bailadeiras, ginastas, acrobatas, malabaristas, pelotiqueiros, etc., isto é, gente hábil nas práticas que ainda hoje formam a base clássica dos espectáculos circenses.

* * *

A Europa já no século IX era rica de composições profanas em que a falta de originalidade,

pelo Eng.º Rebelo Bonito

se existia, era compensada pelo claro desejo de alargamento dos domínios artísticos. Historicamente, três espécies de música profana podem ser referenciadas. Nos primeiros tempos aparecem composições relacionadas com textos latinos de sentido épico ou lírico. Composições deste género são hoje em pequeno número e as que nos restam demonstram que os autores se dedicavam sobretudo aos géneros atrás indicados quando não ao didáctico. Certas passagens da Eneida foram, então, postas em música, o mesmo acontecendo com as Odes de Horácio. Da Oitava Sátira, de Juvenal, conhece-se uma passagem.

Martianus Capella e Boécio representam a transição da antiguidade clássica para a Idade Média propriamente dita.

Ao terceiro grupo de composições trovadorescas pertencem canções líricas que celebram a Primavera e o Amor. A melodia duma delas — *O admirabilis Veneris ydolum* — não obstante o sensualismo do primitivo texto, serviu mais tarde para uma canção de peregrinos em que se louvava a cidade de

Roma. Merecem também referência duas canções dedicadas ao rouxinol, que gozaram de enorme popularidade.

* * *

Toda a literatura musical a partir do século IX andou ligada, por muito tempo, à língua latina, que era a da Igreja e a dos sábios, mas é certo que não tardariam melodias para canto com texto em vulgar. «A Canção de Santa Fé», que é o mais antigo poema em língua vulgar, data provavelmente da segunda metade daquele século. Veio depois a «Canção de Rolando», inspirada nos feitos de um dos pares da corte de Carlos Magno.

A «Canção de Rolando» foi como que o ponto de partida para o desencadeamento de forças criadoras em potencial, pois logo surgiram no Sul da França as primeiras poesias líricas cantadas em linguagem corrente.

A arte dos trovadores ditos provençais cedo atinge as culminâncias. Oriunda das ricas províncias do Oeste e Sudoeste da França onde os representantes da nobreza se entregavam a uma vida larga e mais ou menos frívola, não se lhe reportavam altos e profundos pensamentos, mas era elegante e até requintada.

Os poderosos senhores protegiam os poetas-músicos, e eles mesmos não se dedignavam de compor.

A arte provençal desenvol-

Continua na página seguinte

ROMANCE DE MANUEL FERREIRA

ROMANCE DE MANUEL FERREIRA

HUNH VI DHI

O último romance de Manuel Ferreira, «Hora di Bai», veio mais uma vez pôr em foco uma realidade já de si tão evidente:

a existência duma autêntica, genuína literatura Caboverdeana. Efectivamente ao longo das páginas deste livro salienta-se uma expressão de linguagem tão caracterizadamente indígena — o crioulo — e uma temática que embora circunscrita a um ambiente local individualizado, não deixa de ter contudo ressonâncias de conteúdo universal, na medida em que nos narra os anseios, os trabalhos árduos da procura desesperante da sobrevivência aos dias de seca e de fome, factos estes que podem muito bem acontecer (é que acontecem mesmo), em qualquer parte do globo terráqueo qualquer que seja o povo e a terra. Manuel Ferreira, metropolitano de nascimento e transplantado pelas exigências do dever para as ilhas de Cabo Verde, aproveitou-se do seu talento, do seu espírito arguto de fino observador e transpôs com rara felicidade, num estilo vivo e narrativo, onde a poesia e a realidade se entrelaçam, para a ficção, acontecimentos verdadeiros de tragédia da seca e da fome que assola inexorá-

por Francisco Manuel do Couto

velmente em determinadas épocas, rs ilhas de Cabo Verde. A seca que transforma a terra num «braseiro infernal» e que provoca no povo um verdadeiro êxodo, uma miserável «mancha» penosa através de um mar tempestuoso e traiçoeiro, tendo com alimento o ar e a água. Foi precisamente uma destas viagens atormentadas da Ilha de S. Nicolau para a ilha de S. Vicente que o autor aproveitou para dar a conhecer ao leitor as realidades sociais do povo caboverdeano. A fome que os ataca transformando-os em farrapos humanos é superior ao amor arreigado à sua terra. Muitos na hora da partida, querem ficar agarrados à secura da terra calcinada na esperança de dias de chuva e na abundância de pão, em preces de angústia e desespero ao Deus todo poderoso. É o mesmo amor à terra, aquele amor quase sacrílego e maldito que John Steinbeck nos descreve no seu maravilhoso romance «A Um Deus Desconhecido».

Na hora de despedida, na hora suprema da saudade em que os olhos e as lágrimas são o espelho do coração, a «mor-

Continua na página seguinte

Toponímia Arqueológica de Entre Douro e Vouga (Distrito de Aveiro)

pelo Prof. ARLINDO DE SOUSA

Devidamente autorizados pelo seu ilustre autor, começamos hoje a publicação no nosso jornal do preloso trabalho do professor Arlindo de Sousa, intitulado «TOPONIMIA ARQUEOLÓGICA DE ENTRE DOURO E VOUGA» (Separata da Revista «Letras» — N.º 11 — Universidade do Panamá, Brasil, Faculdade de Filosofia, Curso de Letras) — editado na cidade de Curitiba em 1960.

O dr. Arlindo de Sousa é autor de vários e valiosos estudos de carácter filológico, arqueológico e linguístico, os quais muito devem interessar aos estudantes dos cursos universitários e aos estudiosos em geral. Entre esses estudos destacam-se o que agora começamos a publicar; «O povo e a origem histórica e filológica de algumas povoações» (Separata da revista Letras — N.º 10, também editada em Curitiba, em 1959); e «Origens Históricas e Filológicas de expressão popular, de algumas povoações e locais» (Separata da «Revista de Portugal» — Série A — «Lingua Portuguesa» — Vol. XXVI — Lisboa, 1961).

«Defesa de Espinho» ainda recentemente publicou o estudo sobre o culto de «Nossa Senhora da Ajuda» em que reproduz a história da imagem da padroeira de Espinho e cita as inúmeras localidades de Portugal e do Brasil onde se veneram imagens da mesma invocação.

Igualmente o nosso jornal também se honrou com a publicação, em vários números, da História da Imprensa de Espinho.

Diversos estudos científicos do sr. Professor Arlindo de Sousa tem sido publicados em revistas literárias e científicas do Brasil e do nosso País.

Damos prioridade de publicação à «Toponímia Arqueológica de Entre Douro e Vouga», por dizer respeito à nossa região, e agradecemos ao ilustre escritor a autorização que nos concedeu para a publicação dos seus aludidos trabalhos.

NUMA comunicação, que apresentamos ao XVIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Córdoba (Espanha), em Outubro de 1944, a respeito da criação de institutos de cultura regional, museus e bibliotecas, nos municípios de Portugal (1), lembramos, no capítulo de arqueologia, a necessidade de se proceder a explorações arqueológicas nos locais cujos nomes fôsses reveladores de antiguidades.

A filologia, pelo onomástico toponímico e pelos linguajares do povo, é uma importante fonte auxiliar da arqueologia, e, consequentemente, da etnologia e história geral.

Já publicamos alguns estudos concernentes ao assunto, de carácter regional, extensivos às fronteiras potâmicas do Douro e Vouga e de carácter geral, extensivos a todo o país (2).

Alguns resultados das novas investigações são aqui expressos. Tratamos de Anta, Arca, Arca Pedrinha, Campo da Arca, Corga de Arca, Mó de Anta, Pé de Arca (bis), Pedra de Arca, Arceiros, Arões, Aral, Arilho, Castelejo (bis), Castelo (ter) Castelo de Paiva, Castelões Castilhão, Castro de Chão de Carvalho, (e Lameiro do Castro, Monte do Castro, Souto do Castro, Tapada do Castro), Castros, Cepas, Cepeira, Cepelos, Cepo, Cepo de Baixo, Cepo de Cima, Cesteiros, Cesteu, Cestinha, Civitas, Crasto, Craste de Auille, Cristeja de Fora, Cristelo, Cuidade (por Cuidade), Dentases, Duas Igrejas, Estrada Mourisca, Estrada Velha, Fornos, Mama do Gato, Mama do Peralta, Mamoá, Mamoá Negra, Mamoinha, Marmorinha, Momães, Mota, Moura (e Almas da Moura, Monte da Moura, Pé de Moura, Pedra da Moura e Vale de Moura), Moure, Mourisca, Mourro (em Mato do Mourro e Paço ou Passos do Mourro), Mouros (em Fonte dos Mouros e Forno dos Mouros), Murado, Paço, Paço, Paços, Penedo da Fazenda, Penedo do Trigo, Poço do Luto ou Poço Negro, Rio Mau, Tórre, Vila, Vilar, Vilaes, etc.

Todos os topónimos pertencem à circunscrição distrital de Aveiro.

ANTA, freguesia do concelho de Espinho.

Não temos conhecimento do local em que existiu a anta que deu o nome à freguesia: monumento sepulcral, pré-histórico, ou

Continua na página seguinte

TEATRO DE IONESCO

«AS CADEIRAS»

José Vialle Moutinho

ESTA peça, Eugéne Ionesco vem fazer representar a sua mensagem-imagem num diálogo real e alguns fictícios, de dois VELHOS, onde a ficção se enraizou com o querer transmitir uma impossível mensagem por um orador mudo, caricafural, amórfico na razão, quase descabido. Mas desenrolemos esta apreciação na sequência da antipeça AS CADEIRAS.

Um leitor atento, cedo logrará que se encontra perante duas personagens singelas, ternamente singelas, com as quais Ionesco tece um antienredo: a transmissão duma mensagem publicamente, a um público que se obrigará a comparecer na ilha isolada, onde predomina o fantástico ruído das vagas, não obstante a irrealidade crescente com que se inicia o diálogo-primeiro.

A conversa inter-velhos é um absurdo fundido em primitivismos, onde a mímica, para além da leitura, poderá induzir o interessado espectador ao campo organizado. Em Ionesco a cinética anula (ou sobrepõe-se) à fonética, ou esta última encontra-se anulada à priori, pois este teatro (antiteatro) é a queda do «REICH-PALAVRA», pela sua nulidade, pelo seu convencionalismo, pela sua absurdéz desnuda e pela teocratização gesticular, se é que as AS CADEIRAS sugere a palavra Deus, não só pela sua isolamento, como pela sua materialidade doutrinal e dogmática oposta à razão, ao senso comum a que devem (convencionalmente) as-

similar-se todos os corpos-elementos da sociedade.

Urbano Tavares Rodrigues, o prefaciador deste volume, em dado ponto conjectural, observa que «tanto faz dizer preto como dizer branco» no movimento chamado Ionesquiano, neste antiteatro muito pessoalíssimo, difícil de entender, dada a sua complexidade ambigüal (simultaneamente: preto e branco) ou decomposição pré-estabelecida e não apreciada, e não apreciada em conjunto. Do mesmo plano, notemos o desenrolar desta cena:

Velho — Bebe o teu chá, Semiramis.

(não existe chá, evidentemente)

Velha — Então imita o mês de Fevereiro.

Velho — Não gosto dos meses do ano.

Velho — No momento não há outros. Vamos, só para me agradar.

Velho — Pronto, toma Fevereiro.

(coça a cabeça como Stan Laurel)

Velha (rindo e aplaudindo) — Isso! Isso mesmo! Obrigada, obrigada, tu és um anjo, meu querido. (Beija-o) Oh! Como tu és talentoso... Se quisesse poderias ter sido, ao menos, senador-chefe...

Mais tarde, os VELHOS descrevem da existência da própria Paris, naturalidade do autor, que reside em Saint Germain Després, o co-

Continua na página seguinte

NOTAS

CRÍTICAS

VIAGEM NA GRÉCIA

Integrado na colecção O Homem no Mundo, acaba de aparecer o notabilíssimo livro de Jacques de Lacretelle, Viagem na Grécia. Editado pelo Prelo e numa tradução de David de Carvalho, Viagem na Grécia apresenta, além de uma capa de António Domingues uma visão panorâmica da Grécia de ontem. Sem características enfadonhas, antes, com qualidades admiráveis, essa visão que Jacques de Lacretelle dá em traços substanciais, é o poder de uma cultura helénica e, também, de uma inteligência rica de conceitos.

Membro da Academia Francesa, Jacques de Lacretelle é um conferencista e prosador de grande notoriedade. Embora, claro, pertença a uma geração pouco sorridente, é daquelas que ainda sabem viver com a Pátria e conservar velhas tradições. E num aspecto, Jacques de Lacretelle, considerado clássico, consegue aliar aos seus excepcionais recursos de escritor, espalhados pelo romance, pela novela, pelo teatro e pelo ensaio, a sua maneira peculiar de perscrutar as coisas e as almas, como acontece na forma magistral no Viagem na Grécia.

Joaquim Acácio de Figueiredo

ESTRADA LARGA

Organização de Costa Barreto

Em três volumes-antologia, tem surgido nos escaparates das livrarias Estrada Larga, onde estão compilados os textos, gravuras e poemas publicados em Cultura e Arte, suplemento de O Comércio do Porto, à frente do qual está o escritor Costa Barreto.

Queremos-nos referir muito em especial ao III volume, o mais recente.

Abre com uma série de artigos sobre o poeta quinhentista Sá de Miranda. Curioso de observar o modo eclético das apreciações. Nelas vamos ler textos de Gaspar Simões, Costa Pimpão, Oscar Lopes, Jorge de Sena e Luisa d'acosta, entre outros. Têm em consideração que estamos em face de problemas, não há muito considerados, «graças» ao desenvolvimento sensorialista de grande variedade de tendências. Sampaio Bruno é analisado por Câmara Reis, César Lopes e Joel Serrão. O sentido analítico é manuseado com a busca interna de polémica, Costa Barreto soube dispor os artigos numa sequência rítmica, fácil ao que busca uma leitura de atracção e de instrução.

Fialho de Almeida, o sucessor XIX do cronista Fernão Lopes, é «dissecado» intelectualmente por Gaspar Simões, José Régio, M. Lurdes Belchior e Jacinto Pedro Coelho. O timbre analítico consagrado de cada um dos citados articulistas, são provas bem evidentes do grau a que ascende Estrada Larga, subsequentemente o donde ela é extraída, o Suplemento Cultura e Arte.

Difícil se tornaria enumerar no pouco espaço que dispomos, uma bem completa lista dos poetas apresentados nesta IV parte do volume, ou uma apreciação crítica completa, dada a diversidade e categoria dos poetas apresentados e a quantidade exuberante dos seus poemas. O Teatro espanhol contemporâneo, com estudos de Francisco Rossel, Oscar Lopes, Rui Feijó, Carlos Porto e outros, conduzem-nos ao mais lato conhecimento da dramaturgia espanhola da actualidade. Os mestres portugueses falam dos mestres vizinhos.

Em seguida vem a parte final, histórico-literária, sobre a figura comemorada do Infante D. Henrique, numa discriminação de eras e tempos sociológicos e psicológicos, de boa nota. Não poderia faltar um artigo de Joel Serrão para terminar em chave de ouro o VII volume de Estrada Larga.

Os estudiosos encontram aqui um objecto de grande valor como documentos de consulta. A Porto Editora ao lançar estes volumes monumentais de artigos culturais, deu um passo para a progressividade cultural portuguesa; e Costa Barreto, com este precioso inédito, accionou uma alavanca exemplar para que outros vejam o que é um esforço e um resultado são: óptimo.

J. M.

ENSAIOS de Alberto Ferreira

Pela Atlântida foi agora distribuído este volume ensaístico de filosofia para a história. Um aparecimento que se aguardava do autor, Alberto Ferreira, dada a sua dedicação ensaística ao assunto versado.

Arriscar polémica, discutindo pontos de vista, que são os nossos, diferentes ou apenas divergentes do autor, seria fastioso, quer pela diferenciabilidade de lado a lado, quer pela exiguidade destas notas de leitura. Não se pode, portanto, acerca de livros opiniosos como este, exprimir mais que o seu aparecimento, o seu conteúdo, sem qualquer inútil discussão, no qual reverteria a nossa opinião e não uma geral. Assim temos quatro partes (ou ensaios) distintos, após uma introdução do autor, em que ele se coloca face a uma sociedade antes de abrir os

TEATRO DE IONESCO

“AS CADEIRAS”

Continuação da página anterior

nhecido Bairro dos existencia- listas.

Mas «AS CADEIRAS» não têm época, é um ponto não localizado na geografia e no tempo. Por isso a antipeça (próprio ou imprópriamente, o termo?) tem uma actualidade perene. As frases lançadas na mística do absurdo são corriqueiras entre nós, homens, e querem dizer algo, banais, mas com os personagens ionescuianos apenas se sujeitam a uma linha condutora de criação, ou formação, de ABSURDOS SOBRE ABSURDOS, um todo exprimir da banalidade verbal a que nós, homens, nos revertemos, num convencionalismo inatacável, por inatacável.

Quando a campanha soa pela primeira vez, trava-se um diálogo e uma mímica absolutamente normais e diários, embora a nota seja de uma compreensão humana um tanto difusa. Um tanto surrealista, será este, o de Ionesco.

A «conversa amena», vulgaríssima, um amontoado de «frases feitas» travada entre os VELHOS e a DAMA invisível, que entrou, mais o CORONEL e tantos outros personagens (todos invisíveis), que se vão sentando nas cadeiras, que a VELHA não pára de trazer, num vai-ven pelas oito portas do cenário, e em todas as cadeiras se vão sentando dezenas de pessoas, que os VELHOS tratam conforme o pretenso grau de conhecimento.

As Cadeiras chegam, são empurradas, arrumadas, ocupadas. As pessoas inexistentes formam grupos amórficos. A girândola de «frases-feitas» expande-se das bocas dos velhos, mas o real é a ausência, um amontoado simétrico de cadeiras vazias, na expectativa de um orador para transmitir a mensagem do VELHO. O «aperto de gente» é tal, que os velhos são retidos contra as paredes, cada um no meio de «amigos», do seu lado do palco, impossibilitados de se unirem porque a «multidão» não mais permite.

E conversam, conversam até que chega o IMPERADOR, num fausto de claridade e cortesões (apenas as portas e as janelas se iluminam).

Há aquele diálogo, ou antes, simulacro de conversa, e o IMPERADOR acomoda-se.³

A velha vem vender o que soi vender-se nestas reuniões. Cada palavra do VELHO encontra eco na boca da VELHA

HORA DI BAI

Continuação da página anterior

na» dolente do violão, transforma-se num grito de desespero; «Chegou a hora de despedida! Chegou a hora di bai, deixa'm chorá!»

Manuel Ferreira, aliando à sensibilidade do seu espírito a força imaginativa do seu estro ganhou altura na expressão ficcionista ao transpôr para o seu romance a sedução tão poética, tão natural e espontânea do linguajar crioulo, que é aqui, não temos receio do desmentido, que se encontra o seu mais alto valor e a plenitude da sua realização como romancista. Romance violento, na medida em que dissecos os sentimentos mais íntimos e mais secretos da alma do povo caboverdeano; romance de acção na medida em que nos mostra em pinceladas de pintor realista, a luta heróica entre o homem e a terra numa disputa de séculos. «Hora di Bai», não é um romance definitivo, não um romance de tese, como nos afirmou o seu autor na recente entrevista publicada oportunamente. Não. «Hora di Bai», será apenas o prelúdio, assim o cremos, doutro futuro romance que fique a perdurar pelos tempos fora, como um poema heróico, ou tragédia social do povo Cabo Verdeano.

FRANCISCO MANUEL DO COUTO

— Edição do Autor — Textos Vértice Atlântida — Coimbra

FERRATAS

Só depois de se encontrar impressa a página anterior, notamos ter escapado duas «gralhas» que passamos a rectificar: onde se lê «mancha» deve ler-se «marcha», assim como se deve ler «as» e não «ars».

Noticiário

LIVROS DO BRASIL

Na Colecção dois «Dois Mundos», da Editorial «Livros do Brasil», onde acabam de ser lançados três romances de fama universal — Uma Agulha no Palheiro de Salinger, Kaputt, de Curzio Malaparte e o Inverno de Nosso Descontentamento, de John Steinbeck, — vão ser integradas várias obras de não menos importância.

Alguns títulos entre os já programados: Gente de Dublin, de James Joyce, O Tempo Tem de Parar, o Macaco e a Essência e Ilha, de Aldous Huxley, a trilogia José e Seus Irmãos, de Thomas Mann.

e assim conversam numa fusão amalgamada de frases vulgares, numa mímica maravilhosa, num plade de candura angustiante.

E todos esperam o ORADOR, que acaba por chegar (é o terceiro personagem real), protótipo de pintor clássico, de cavanhaque e La Valière. Assim autógrafos invisíveis a admiradores invisíveis.

Os velhos finalizam a peça com um fim dramático: o duplo suicídio.

O ORADOR tenta falar para a multidão, mas da garganta só lhe saem ruídos ininteligíveis e animalejos: é mudo. A multidão ausente eleva-se um coro de gargalhadas reais.

O Real é aqui destituído, o «non-sens» predomina, a futilidade absurda é vigente, e o badalar contínuo dos sonhos fantásticos da fonética convencional ultrapassa, como atrás referi, quedam-se em frangalhos reais pela mímica, pela expressão cinética do homem primitivo, sem razão, pela solidão em que estaria sujeito o homem se não adoptasse as leis guturais do convencionalismo fonético.

JOSÉ VIALLE MOUTINHO

(1) Gentilmente cedida pela Editorial Minotauro, na colecção TEATRO de que é o 2.º volume. Apresenta-se nos incluída na obra pela CANTORA CARECA, A LUÇÃO e a peça que apresentamos. (2) Este usoqti-mo tal ez se empregue abusivamente, confundo... (3) Le notar na apresentação, a farsa (ou tragédia) que é composta pelos 2 velhos e pela multidão invisível.

Aquilino Ribeiro

Morreu Aquilino Ribeiro. A notícia inesperada calou profundamente na alma daqueles que apreciavam a sua obra gigantesca. A Literatura Portuguesa está de luto, pois perdeu um dos maiores talentos que a honrou e a engrandeceu espalhando pelo mundo culto o nome de Portugal.

Música Trovadoresca

continuação da página anterior

veu-se a partir dos meados do século XII e atingiu o período áureo nos meados do século XIII, para depois declinar rapidamente. Entretanto, a sua influência foi enorme sobre a lírica dos países vizinhos.

São muitos os Cancioneiros provençais, numerosas as composições poéticas, mas poucas as solfas.

* * *

Os trovadores compunham, por via de regra, a música e a letra dos seus poemas, e até os cantavam, se dotados de voz.

O trovadorismo provençal, que é o mais importante para nós, pela influência exercida sobre Portugal e a Galiza nos séculos XIII e XIV, abrange dois períodos. O primeiro que vai dos meados do século XII até cerca do ano de 1190 e o segundo desde 1195 até 1230. Marcabru, que se diz ter estado na corte de D. Afonso Henriques, Jaufre Rudel e Bernard de Ventadorn foram três dos mais cotados trovadores do primeiro período provençal. De Rudel ficou célebre a «Canção à bem-amada ausente», cujo texto poético começa deste modo (tradução livre):

No mês de Maio, quando os dias longos são, gosto de ouvir em redor os cantos dos passarinhos. Mas, quando me afasto e desprendo de tão doce companhia, não se desprendem de mim as saudades do meu Amor. Afasto-me, então, penado e triste; e, como se em pleno Inverno fora, sinto que em vão tento aquecer-me ao som duma cantiga, ou perfume duma flor...

Bernard de Ventadorn foi também excelente cantor. Dele se conhecem dezanove canções, a mais célebre das quais é «Quan vei la lanzeta mover». Por ela se vê como a arte dos trovadores, sob o ponto de vista musical, era tão espontânea e pessoal quanto perfeita e amadurecida, desde os seus primórdios.

No segundo período provençal os trovadores mais representativos são também três: Peire Vidal, que os seus contemporâneos diziam ser o melhor do mundo, Peirol e Rambaud de Vaqueiros. Este deixou-nos a «estampida» mais antiga que se conhece. A «estampida», diga-se entre parêntesis, era uma forma coreográfica vivamente ritmada com os pés.

Vaqueiros era grande improvisador e aproveitando-se um dia da música duma «estampida» que acabava de ser executada por um grupo de jograis, diante de numeroso auditório, ali mesmo compôs, de improviso, a canção «Kalenda Maya». Acentuemos que a solfa de «Kalenda Maya» é de autor anónimo e só o texto poético é de Rambaud de Vaqueiros. Todavia, letra e música estão tão perfeitamente associados que mais parece tratar-se de composição músico-poética original.

E, já que falámos em «estampida», vem a talho de foice aludir às formas poéticas usadas pelos trovadores, mas isso fica para o próximo artigo, em que também nos referiremos aos trovadores galaico-portugueses.

REBELO BONITO

Toponímia Arqueológica

Continuação da página anterior

proto-histórico.

Tem-se dito, mas sem firmeza arqueológica, que tal anta esteve de pé no Carvalhal, próxima aos Altos Céus, o lugar mais alto da freguesia, a uns 2500 metros da costa, onde se venera Nossa Senhora dos Altos Céus, ou na Idanha, por onde corre o ribeiro do Bajunco, afluente do Mocho, e onde existiu, ou ainda existe, outra capela, consagrada a São Vicente.

São conjecturas frágeis. Faltam os elementos que poderiam falar melhor, os despojos antigos: cerâmica, cinzas, lousas antropomórficas, idólatricas, mámoas, etc..

Tal construção deixou, porém, forte impressão tradicional, pois, de outra maneira, o nome ter-se-ia apagado (3).

Leite de Vasconcelos cita, entre o Douro e o Mondego, apenas mais oito topónimos iguais, e oito Antas, uma Antela, uma Antelas e uma Antinha; entre o Douro e o Minho: vinte Anta e treze Antas; entre o Mondego e Tejo: duas Anta, onze Antas, um Antões; do Tejo para Sul, até ao Oceano: onze Anta, doze Antas, uma Antinha, um Antões e uma Paradantia.

Há mais, pois Leite de Vasconcelos só se referiu a povoações e não a quintas, tapadas, etc.

Há outros vestígios de remota habitabilidade da freguesia, topónimos reveladores de antiguidades arqueológicas como Briguido (?), Idanha, Paço, Paço Velho, Paços, Portucalo e alguns germanismos (4).

Continua no próximo número

ECOS

BERTRAND

— Depois do lançamento de «Os Centuriões», os «Pretorianos», de Juan Lartéguy, a Editorial Bertrand, publicou o romance «Os Mercenários», do mesmo autor.

— De Agustina Bessa Luís, a mesma Editora publicou o livro «Sermão de Fogo».

FANTOCHES



desenho de AUGUSTO MOTA

VIDA DESPORTIVA FUTEBOL

Taça «Ribeiro dos Reis»

Efectuou-se no passado domingo a 2ª jornada da Taça Ribeiro dos Reis...

Espinho 5 Leça 0

Jogo realizado no Campo da Avenida. Sob a arbitragem do sr Augusto Moreira...

A partida começou com o Espinho ao ataque. Aos cinco minutos apareceu o primeiro golo...

O Leça desorientou-se; o seu jogo começou a ser mais atabalhoado...

Reatada a 2ª parte o Leça remeteu-se a uma defesa cerrada...

Voleibol

Campeonato Nacional de Juniores

Jogo em Espinho. Sob a arbitragem do sr Rodolfo Silva...

Campeonato Nacional Aspirantes

Jogo em Espinho. Sob a arbitragem do sr Fernando Alves...

Campeonato Regional Feminino

Jogo em Espinho. Sob a arbitragem do sr Joaquim Pardilhó...

O Concelho de Espinho

Notas do Seu Passado Medieval

(Séculos IX-XVI)

O «Arquivo do Distrito de Aveiro» vai editar, ainda este ano, um estudo de alicerces da história do concelho de Espinho...

RECITAIS DA PRIMAVERA

da Academia de Música de Espinho

Teve lugar na sala-auditiório da Academia de Música de Espinho...

O II Recital é na 4ª feira, 12 de Junho, tendo como concertistas os profs Ramon Miravall...

Serão executadas obras de Bach, Beethoven, Brahms, Schumann, Massenet e Falla.

Comunhão Solene

120 crianças de ambos os sexos realizam a sua Comunhão Solene no dia 13 do corrente...

RAPAZ

para escritório

Admite-se com habilitações mínimas do 2º grau, 1.º ou 2.º ano da Escola Comercial.

Laboratório de Análises Clínicas

Dr. Waldemar Ferreira, Dr.ª Ana Rosa Wanzeler

GRANDE CASINO DE ESPINHO

m/ 21 a

SNACK-BAR RESTAURANTE ESPLANADA SALA DE JOGO DANCING CINE - TEATRO

ESMERALDA AMOEDO BALLET FERNANDO BLAZQUEZ

ambiente distinto

ORQUESTRA ITALIANA I DON GIOVANNI E CONJUNTO PORTUGAL

CEIAS • CINEMA • TEATRO VARIEDADES BAILES • MÚSICA • JOGO JANTAR CONCERTO

(das 20 às 22 horas todos os dias)

ISABEL OSUNA

serviço primoroso

Paula & C.ª, L.ª

Por escritura de 7 de Março de 1963, lavrada a fl. 85 do livro de notas para escrituras diversas n.º 76-A do 7.º cartório notarial do Porto...

ARTIGO 1.º

A sociedade girará sob a firma Paula & C.ª, L.ª, continuará com a sua sede na vila de Espinho...

ARTIGO 2.º

O seu objecto é o comércio de materiais de construção e drogaria...

ARTIGO 3.º

A sua duração será por tempo indeterminado, com início em 1 de Janeiro de 1963.

ARTIGO 4.º

O capital social é de 150 000\$, e corresponde à soma das quotas dos sócios...

ARTIGO 5.º

São exigíveis aos sócios prestações suplementares na proporção das suas quotas.

ARTIGO 6.º

Os sócios poderão fazer à sociedade, de os suprimentos necessários nas condições previamente acordados.

ARTIGO 7.º

A gerência, dispensada de caução, e remunerada ou não, conforme for deliberado em assembleia geral...

ARTIGO 8.º

É proibida a cessão de quotas a estranhos sem consentimento da sociedade.

ARTIGO 9.º

No caso de falecimento ou interdição de um sócio, todo o activo e passivo da sociedade pertencerão aos sobreviventes...

FESTA DE CORPUS CRISTI

É na próxima Quinta-feira, dia 13, que se realiza a Festa do Corpo de Deus...

Máquina de Tricotar

marca Passap Dromatic - Vende-se em estado novo por motivo de retirada para o Brasil...

Pensão Flor de Espinho

Completamente reformada e pronta a funcionar na época balnear, passa-se por motivos retiradas para o Brasil.

Tavares Nogueira

Médico Doenças da boca e dentes Prótese dentária

que a todos represente.

ARTIGO 10.º

Para o caso de dissolução da sociedade, desde já fica estipulado o direito de licitação entre eles...

ARTIGO 11.º

Salvo quando a lei exigir outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas...

Porto, 5 de Abril de 1963. - O Ajudante do 7.º Cartório Notarial, José de Sousa Rodrigues.

Semana do Ultramar

continuação da 2.ª pág.

O momento actual é estar atento, é de não criar problemas, é de seguir ferreamente e decididamente por uma frente...

Mas, para isso é necessário querer, que esse acto voluntário e especial temos de realizar...

— E o Sr. Coronel Alves da Silva, depois de, modestamente, se desculpar perante a assistência...

— As últimas palavras de S. Ex.ª foram abafadas por uma calorosa e extensa ovação...

Foi uma admirável lição de civismo, uma inesquecível lição de mais puro, do mais são Portugalismo...

— Este relato foi extraído em parte, da máquina de gravação que se achava colocada no salão do Grémio do Comércio...

Caves da Curia, Lda.

ESPUMANTES NATURAIS

Vendem-se as suas Edificações, Instalações e Terrenos anexos na CURIA

OU

Necessita-se Grupo Accionistas para formar Sociedade com outro Grupo já existente

OS INTERESSADOS DEVERÃO DIRIGIR-SE A'S CAVES DA CURIA, L.ª - CURIA - TELEF. 97201-ANADIA

ENCERADORA, PARQUEADORA E LUSTRADORA

José Marques Prucha

PORTO Rua do Cunha, 217 Telef. 41439

ESPINHO Rua 9 n.º 406 Telef. 920440

ORÇAMENTOS GRATIS PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

Assentamento de tacos sistema Parquet sobre Mastic quente betuminoso. Fornecimento de tacos em todas as madeiras.

Apialna e raspa soalhos velhos e novos, tanto manual como à máquina eléctrica...

NO PRÓPRIO INTERESSE DE V. EX.ª NÃO DEIXE DE CONSULTAR ESTA CASA

Rádiorrastrero da Tuberculose Pulmonar

Exame Microradiográfico

Como anunciamos encontra-se já nesta Vila a Brigada Móvel do I. N. A. T. procedendo a exames microradiográficos, gratuitos a toda a população do concelho.

Nunca é demais chamar a atenção dos leitores para a utilidade de tais exames, pois deste modo pode descobrir-se a doença em pessoas aparentemente sãs, podendo imediatamente ser tratada evitando-se, assim o aparecimento de casos graves.

Todo o indivíduo tem a obrigação moral de comparecer a este exame que só lhe pode ser útil, assim como à sociedade de que faz parte.

PROGRAMA:

Junho, 11 — funcionários públicos e suas famílias — (Bomb. Espinhenses);

12 a 15 — ciganos, Bairro piscatório e fábricas vizinhas — (Posto Médico da Casa dos Pescadores);

17 — freguesia de Guetim e lugar da Idanha-Anta — População — (Junta de Freguesia ou casa do Pároco);

18 e 19 — freguesia de Anta — População — (Junta de Freguesia);

20 e 21 — freguesia de Paramos — População — (Junta de Freguesia);

22 a 25 — freguesia de Silvalde — População e Fábricas — (Junta de Freguesia);

26 a 2 de Julho — fábricas de Espinho;

3 e 4 — população de Espinho — (Bomb. de Espinho);

5 a 8 — Escola Industrial;

9 e 10 — Colégios;

11 — restantes fábricas e população de Espinho — (Dispensário).

VENDE-SE

PRÉDIO, 300.000\$00 sujeito a oferta, de rez do chão, andar e quintal, a render 15.200\$00, na rua 16 n.os 485/489, Espinho. Resposta a J. S. Ferreira — Caixa G. de Depósitos em V. N. de Gaia, ou a A. L. de Almeida, rua 25 n.o 506 - Espinho.

Pagamento Adiantado de Assinaturas de 1963

Pagaram já as suas assinaturas do ano corrente, (até 31 de Dezembro), mais os seguintes pre-sados assinantes e amigos do nosso jornal, aos quais estamos muito reconhecidos, Ex.mcs Senhores:

Marcélio d'Oliveira e Silva, da New York, referente ao ano de 1964; Joaquim Albuquerque, Sucer; José Gomes da Graça e ang.o José Pena Pereira da Silva, de Lisboa; Avelino A. da Rocha (Casebre) e António da Pinho Pinhal, de Matosinhos; Edmundo Alves Ferreira e António Pereira Resende, de Lourosa; dr. Mário Alves da Rocha, Junta de Freguesia de S. Félix da Marinha, José António Laranjeira e V. de Fernando Cabrera Lago, da Granja; Jaime Serrano Junior, de Leixões; dr. Adão Luis de Melo Tavares e Rev.o P. e Manuel Dias da Costa, da Foz do Fouro; Valentim Francisco do Couto, de Tondela; Almeida & Freitas e dr. Manuel Gaspar Junior, de Vale de Cambre; António Pinhal, de Agueda; dr. Francisco Manuel Vicente de Sousa, de Bregança.

Fábrica Horva

Precisa praticante para escritório com alguns conhecimentos comerciais ou fabris. Falar na Rua 14 n.o 1244 - Espinho.

Cozinheira

PRECISA-SE para serviços de cozinha e outros domésticos, com idade entre 35 e 45 anos, para casa de pouca família, em V. N. de Gaia - Exigem-se referências. Carta a esta redacção, ao n.o 74

Terrenos em Silvalde

Vende-se com cerca de 8.000 m2, no Sisto, Silvalde, junto à estrada 109 e com ampla frente para estrada. Falar Rua 27 n.o 264.

INSTITUTO DE BELEZA

DEPILAÇÃO ELÉCTRICA

Mais recente para a eliminação dos pêlos Massagens, Limpezas da pele e tratamentos ao busto

Das 10 às 12,30 horas
15 - 19

Rua 19 - Prédio Vitó - ENTRADA PELA RUA 12 N.º 576
Telefone, 920810 - Espinho

CASA SOARES

Augusto da Rocha Soares

Móveis - Artigos Decorativos - Carpetes

Rua 16-658 Bazar de Vendas - Tel. 920097 - Rua 26-428 Oficinas
ESPINHO

COMUNICADO: Casa Soares, informa a sua estimada clientela, de que as suas oficinas foram instaladas na Rua 26-428 (Antiga fábrica de sabão) podendo agora fabricar em suas próprias oficinas móveis e estofos a gosto e sob direcção de seus estimados Clientes.

Agradecimento

Joaquim Domingues da Silva

Sua família, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no funeral do saudoso extinto àquelas que assistiram à missa do 7.º dia, ou que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, pelo doloroso transe que acabam de passar.

Pedindo desculpa de qualquer falta que involuntariamente tenham cometido.
Espinho, 6/6/63

Prédio - Vende-se

Em Anta, a 300 metros de Espinho, na linha de continuidade da rua 51. Casas e Quintal para construção. Área total cerca 1000 m2. Preço de ocasião: 80 contos.

Tratar com D. Maria do Céu Pereira da Rocha, ângulo das ruas 20 e 51 - Espinho. Ou com o proprietário: Manuel Pereira, telefone 94128 Porto d'Ave.

Escola Industrial e C. de Espinho

No dia 15 do corrente findam as aulas deste importante estabelecimento de ensino.

Os exames iniciam-se a partir de 1 de Julho próximo.

Na Praia de Cortegaça

Aluga-se CHALET no mês de Julho - preço 1.500\$00.
Telefonar para o N. 64498 - Porto.

DR.ª CÂNDIDA TENDER

MÉDICA

R. Boavista, 696
Telefone 25 451
PORTO

Um maluco inconveniente

que é necessário internar em estabelecimento próprio

Por várias vezes nos temos referido a um maluco ou maníaco chamado Salvador, que anda por essas ruas de Espinho a largar psalvões e a fazer gestos por vezes indecorosos e atentatórios contra a moral que uma sociedade civilizada não pode admitir.

Para isso concorrem, é certo, o garrote e até criadoras que já não são crianças e que deviam ter o senso preciso para não provocarem o mal-criado maníaco, ou lá o que é.

Há dias, veio à nossa Redacção queixar-se-nos um velho que estando na praia a tomar banhos de sol aconselhado por um médico, em companhia de sua esposa, o Salvador, permitiu-se praticar uma cena que não só indignou o casal, como outras pessoas que o presenciaram e às quais provocou viva repulsa.

Ora um indivíduo que faz tais cenas não pode andar à solta numa terra civilizada demais uma terra de turismo diariamente visitada por estrangeiros.

As autoridades competentes, em nome da moral e da civilização, solicitamos providências urgentes e energéticas no sentido de dar o rumo necessário a esse maluco, inconveniente.

Um lápso aborrecido

Por distração do respectivo tipógrafo, a qual escapou à revisão, o número transacto da «Defesa» saiu na 1.ª página com a designação de Maio, em vez de Junho. O leitor facilmente verificará o engano se reparar na numeração; mas o facto não deixou de nos desgostar pela confusão a que pode dar lugar a quem mais tarde queira consultar a colecção do Jornal.

Cofre de Caridade

Em sufúgio da alma do «Grande Papa da Paz» João XXIII, o sr. Amadeu Coimbra, proprietário dos Armazens Vinte e Três desta Vila, enviou-nos 20\$00 para os pobres protegidos deste Jornal. Agradecidos.

Cadinha & Couto

Mercearia, Cereais, Azeitões

ARMAZENISTAS

Armazens e escritório:

ANGULO DAS RUAS 18 e 25
Tel. 920052 - ESPINHO

Armazém de Mercaria, azeites, farinhas e cereais

MÁRIO FORTUNA COUTO

Depósito de Açúcar, Tencinho e Gordura

Telefone 920305

Rua 9-435 a 447 - ESPINHO

CONFETARIA SAMEIRINHO

Especialidade em Bolos, Docas regionais fabricados na mesma confetaria

Sala de Chá Serviço de Café, Chocolate e Cacaó

Manuel Augusto de Castro

Rua 19 n.o 196-Telefone 920485

ESPINHO

Padaria e Confeitaria "Modolar"

a casa mais elegante de Espinho neste género, mecanizada pelos mais modernos processos higienicos

MATOS & IRMÃO

Rua 18, 933-937 - Tel. 920127 - Espinho

Esmerada fabricação de pão de todas as qualidades, Pão de forma para torradas e sanduiches, fabrico especial desta casa. Secção de pastelaria e confeitaria

Filial em Paços de Brandão

Padaria Afonso

V.º de Afonso Ferreira Gaió

PÃO DE TRIGO E DE MILHO

Especialidade em fabrico de Pão Integral

Rua 14-865 ESPINHO Tel. 920169

HORVA

FÁBRICA DE MOBÍLIAS E OBJECTOS UTILITÁRIOS

Vimes, junco, mistos e palmito

Rua 14 N.o 1244-1252 - Tel. 920291

ESPINHO

Fábrica HÉRCULES

Afonso Henriques, Sucrs.

Fábrica Transformadora de Matérias Plásticas

Apartado 40 - End. Teleg. HÉRCULES

Telefone, 920144 - ESPINHO

Casa dos Vidros

de Vidraria Ferreira

Agostinho de Sousa Ferreira

Depósito de Vidraça em caixa, cortada ou colocada, Molduras para caixilhos, Espelhos, Tijolos e Telhas de Vidro

Grande desconto para Revenda

Rua 50 n.º 656 ESPINHO

Telefone, 920759

PRÓXIMO 'A CENTRAL ELÉCTRICA

PENSÃO DO PORTO

Junto ao Teatro S. Pedro

Telefone 920391 - ESPINHO

PENSÃO RESTAURANTE LUSO-IMPÉRIO

Junto ao Casino

Telefone 920691 - ESPINHO

Proprietário: MANUEL VENTURA

SERRAÇÃO DE MADEIRAS DA PONTE DE ANTA

Francisco B. de Castro & Filhos, L.da

Serras, ferros aparelhados, máquinas para a construção civil e calçolária

Telefone, 920067 - ESPINHO

LUSO-CELULOIDE de HENRIQUES & IRMÃO, L.DA

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

Telefone, 920070 - ESPINHO - Apartado, 22

Bijuterias, Travessas, Travessões, Ganchos, Pontes, Óculos, Espelhos, Calçolarias, Cartelas para passos, Bolos, Rosas, Botecos, Máquinas para barbear, etc., etc.

DEFESA DE ESPINHO

Preços das assinaturas, por ano:

Table with 2 columns: Location, Price. Includes Portugal Continental, Ilhas adjacentes, Provincias Ultramarinas Espanha e Brasil, França, Canada, Republica do Congo, Venezuela e U. S. A., Provincias Ultramarinas (v. aérea), Venezuela, Brasil e U. S. A., and via aérea.

NUMERO AVULSO 1200

MOPE, L.ª (Agência Informadora Comercial)

Proprietária do Boletim «Guia do Crédito»

A maior Organização estabelecida no País

PORTO

Rua de Sá da Bandeira, 255/1º

Telef. 24655 e 28468

End. Tel. MOPE

LISBOA:

Av. da Liberdade, 105

Telef. 35419 e 367583

End. Tel. GUIATO

UVA wine advertisement featuring a logo of a woman holding a bunch of grapes. Text includes 'Porto - Gaia - Espinho', 'Vinhos de Pasto, verdes e maduros', 'Para as Ex.mas Donas de casa uma garantia de qualidade em garrações de 5 litros.', 'A venda nos bons estabelecimentos', 'Vinho Puro... Alimento Puro...'

Fogões a gás butano ou hulha advertisement for VITÓRIA E PROGRESSO. Text includes 'Duas marcas que se impõem', 'Fabrico com garantia e assistência técnica da Fábrica Progresso', 'Manuel Francisco da Silva & C.ª L.ª da ESPINHO', 'À venda nos estabelecimentos locais:', 'AGÊNCIA CIDLA - Rua 23 n.º 252', 'LOUÇARIA GUERREIRO - Rua 16 n.º 485'

PREFIRAM OS FOSFOROS DA FOSFORIBA PORTUGUESA